



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

LEITURA DE UM ARTIGO DE OPINIÃO: APRENDIZAGEM DE INFERÊNCIAS NA AULA DE PORTUGUÊS L2

READING AN OPINION ARTICLE: LEARNING INFERENCES IN PORTUGUESE CLASS L2

Amy da Flora Bonifácio Saulosse (UniRovuma)¹

Resumo: o artigo discute sobre Leitura de um artigo de opinião: aprendizagem de inferências na aula de Português L2 na 12.^a classe. O problema é a dificuldade que o aluno enfrenta para elaborar inferências durante a leitura. A questão é: que inferências os alunos produzem durante a leitura? E visa reflectir sobre a importância dos letramentos na aprendizagem de leitura com alunos de uma escola pública em Moçambique. A pesquisa é ancorada aos estudos sobre os letramentos focados em multilinguismo e multimodalidade (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2023) e aos conceitos de leitura e inferência (Marcuschi, 2023). O método de abordagem é qualitativo, com entrevista e análise de conteúdos, como técnicas. Os resultados revelam que os alunos produzem inferências de base textual e contextual cognitivas. Concluímos que os letramentos podem contribuir para um processo de ensino e de aprendizagem de leitura na aula de Português e possibilitar ao aluno o uso de estratégias que mobilizam atitudes activas durante o processo de compreensão leitora do texto.

Palavras-chave: Leitura. Inferências. Artigo de opinião. Letramentos.

Abstract: the article discusses Reading an opinion article: learning inferences in the L2 Portuguese class in the 12th grade. The problem is the difficulty the student faces in drawing inferences while reading. The question is: what inferences do students make while reading? And it aims to reflect on the importance of literacy in learning to read with students at a public school in Mozambique. The research is anchored to studies on literacies focused on multilingualism and multimodality (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2023) and the concepts of reading and inference (Marcuschi, 2023). The approach method is qualitative, with interviews and content analysis as techniques. The results reveal that students produce cognitive textual and contextual inferences. We conclude that literacies can contribute to the teaching and learning process of reading in Portuguese classes and enable the student to use strategies that mobilize active attitudes during the process of reading comprehension of the text.

Keywords: Reading. Inferences. Opinion article. Literacy.

¹ Mestre em Educação/Ensino de Português. Professor na Universidade Rovuma (UniRovuma) – Moçambique. Áreas de interesse: linguística cognitiva e linguística aplicada. Co-coordenador do núcleo de pesquisa Leitura e Escrita em Línguas Estrangeiras (LELE), no Instituto Superior de Transportes, Logística e Telecomunicações (ISTLT). E-mail: adfbsaulosse@gmail.com. ORCID iD: <http://orcid.org/0009-0001-0615-1470>



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O artigo discute a importância dos letramentos de leitura na aula de Português L2, numa escola pública de ensino médio, em Moçambique, no segundo trimestre do ano lectivo 2022. O argumento é que as inferências possibilitam a leitura global de um texto: (1) identifica o tipo de inferências implicadas na leitura de um aluno da 12.^a classe; (2) analisa as inferências implicadas na leitura de um aluno da 12.^a classe e (3) mostra como os letramentos são importantes na aprendizagem de inferências. A pergunta de partida é: que inferências o(s) aluno(s) produz(em) durante a leitura de um artigo de opinião?

Estudar esse tema, nesse nível determinante para a continuação da aprendizagem no ensino superior, teoricamente auxiliou no conhecimento e (re)definição do problema relacionado com a leitura do artigo de um opinião enfrentado pelo(s) alunos da 12.^a classe. Na prática, aos sujeitos envolvidos, poderá proporcionar mudanças que poderão levar a melhoria das práticas de ensino e de aprendizagem de leitura desse género textual.

O problema é a dificuldade que o aluno enfrenta para fazer inferências durante a (re)construção de um artigo de opinião escrito. Buscando responder ao problema foram perseguidas duas questões: (1) que tipo de inferências o aluno produz durante a (re)construção de um artigo de opinião? e (2) como o letramento de leitura e escrita na aula de Português L2 pode ajudar o aluno a produzir inferências durante a (re)construção de um artigo de opinião?

O quadro teórico é ancorado aos estudos sobre os letramentos focados em duas dimensões: multilinguismo e multimodalidade (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2023) e nos estudos sobre leitura e inferência desenvolvidos por Marcuschi (2023).

Sobre esse assunto tivemos acesso ao artigo científico de Machado (2006) intitulado “O Papel do Processo Inferencial na compreensão da leitura”, com o argumento de que o processo inferencial está relacionado aos esquemas mentais dos sujeitos e ao seu contexto pessoal. A pesquisa sobre “O Ensino Explícito de Estratégias de Leitura: Conhecimentos Prévios e Inferências no Texto Literário” (Semide, 2020), com a conclusão segundo a qual as estratégias de realização de inferências conferem aos alunos uma independência na análise do texto. Diferente dos estudos



anteriores, esta pesquisa discute sobre letramentos de inferências como estratégias de leitura do gênero artigo de opinião na aula de Português L2, numa escola pública.

Metodologia de pesquisa, a pesquisa é aplicada, exploratória, com abordagem de lógica qualitativa e procedimentos de estudo de caso. A entrevista semi-estruturada, dirigida a uma professora de Português da 12.^a classe, e a análise de conteúdo dos textos (re)construídos pelos alunos, como técnicas. E, como instrumento, o texto-base “Moçambique também é afectado pela guerra na Ucrânia”. A escola secundária tem um universo de 614 alunos a frequentar a 12.^a classe. A selecção da amostra foi probabilística, aleatória simples, de três alunos (doravante: Kassikay; Thongogara e Shinyamapere, nomes fictícios). Os alunos que frequentam a escola de diversos pontos do país, mas é possível levantar o perfil sociolinguístico dos sujeitos colaboradores desta pesquisa. Veja-se, a seguir, o perfil linguístico dos alunos envolvidos.

A Constituição da República (Moçambique, 2004) emana que a Língua Portuguesa é Oficial. Porém, grosso modo, os alunos têm a língua portuguesa como segunda língua. Em rigor, os alunos permanecem no que se pode chamar de interlíngua. Interlíngua, conforme Selinker (1972), é uma estrutura psicológica latente no cérebro activada quando se tenta aprender uma segunda língua² (nossa tradução), isto é, um instrumento resultante do contacto de duas (ou mais) línguas (nesse caso português e outras línguas nacionais de substrato bantu de Moçambique), que o sujeito que o usa, na aprendizagem de uma língua-alvo (nesse caso é o Português) recorre para se comunicar. A língua portuguesa coexiste com as línguas bantu de Moçambique, veiculares da identidade dos indivíduos (Moçambique, 2004). Nacala³ tem, concomitantemente, diversas línguas bantu oriundas de diversas regiões do país, mercê da imigração doméstica e/ou estrangeiras em busca de oportunidades, mas a língua dos nativos de Nacala é *Enahara*, uma das variedades da língua *Emakhuwa*⁴ (Ngunga; Faquir, 2011).

² “we assume that there is such psychological structure and that it is latent in the brain activated when one attempts to learn a second language” (Selinker, 1972, p. 211).

³ Autarquia municipal, na província de Nampula, localizada na zona norte de Moçambique.

⁴ O Censo (INE, 2017) indica que em Nampula, os habitantes na faixa etária de 15-24, a que cobre a idade dos alunos que frequentam a 12.^a classe, no curso diurno, dos 1.011.550 hab., 539.523 hab., não fala português; dos 1.011.550 hab., 892.063 hab., em suas residências falam *Emakhuwa* ou outras línguas moçambicanas; dos 1.011.550 hab., 869.281 hab. têm como língua materna *Emakhuwa* ou outras línguas.



A coexistência entre as línguas nacionais de sustrato bantu com a língua portuguesa resulta da aculturação imposta pelos colonos portugueses aos moçambicanos. Estudos (Lakatos; Marconi, 1990) sinalizam que a aculturação modifica a cultura de quem a sofre conformando os seus padrões culturais aos daquela que a domina, mas conserva sempre algo da sua própria identidade. A conservação de “algo” da identidade dos moçambicanos está a formar o que os estudiosos (Gonçalves, 2010; Cunha; Cintra, 1999) advogam como sendo o Português Moçambicano, com as suas variedades consideradas não-crioulas, com base do Português Europeu, emprego de vocábulos das línguas bantu, características fonológicas e gramaticais que variam de região para região. Veja-se, a seguir, a fundamentação teórica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa é desenvolvida na perspectiva dos estudos sobre os letramentos, isto é, dos processos de construção de significados, que ocorrem quando são inseridos os significantes juntos em um sistema coerente, que corresponde mais ou menos aos sentidos do mundo de nossos significados experienciados, ou ao significado (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2023), focados no multilinguismo, dimensão que advoga que as pedagogias dos letramentos precisam estar conscientes da diversidade de línguas dos alunos, que as *diferenças*⁵ linguísticas precisam ser entendidas em sua complexidade e variação de um aluno para o outro (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2023), e na multimodalidade, dimensão que defende o “uso combinado de diferentes modalidades na construção de significados: escrita, visual, audiovisual, espacial, tátil e oral” (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2023, p. 47), para além dos estudos sobre leitura, que considera a língua como actividade, tomando a compreensão como inferência ou como processo de construção baseada numa actividade mais ampla de base sociointerativa e cognitiva, actividades em que os conhecimentos prévios exercem uma influência muito grande (Marcuschi, 2023). Veja-se, na figura 1, a seguir, os conhecimentos prévios responsáveis pela compreensão leitora.

⁵ As “diferenças devem ser afirmadas e usadas como blocos de construção, em vez de serem consideradas como déficit, não se constituindo, desse modo, em algo para criar problemas para os professores, mas sim em recurso de aprendizagem de diversidade produtiva” (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2023, p. 366).

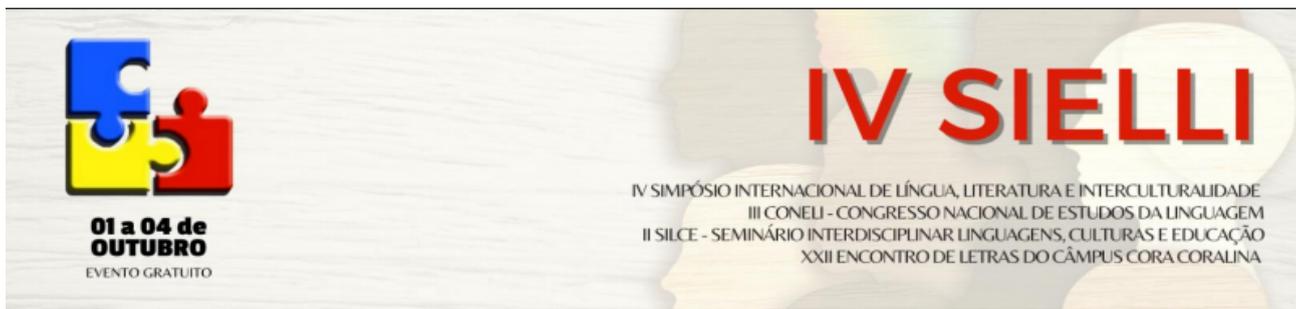
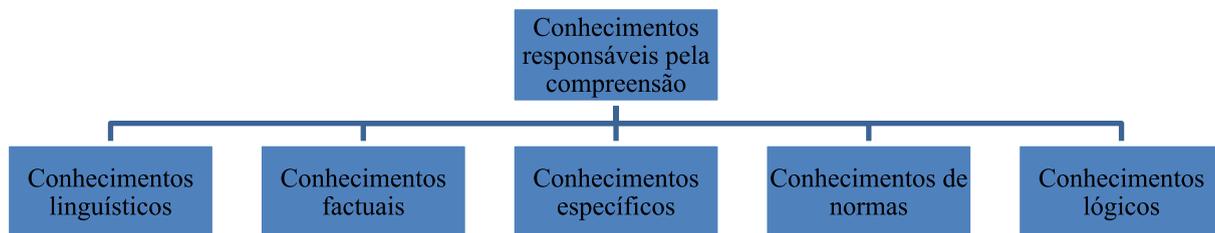


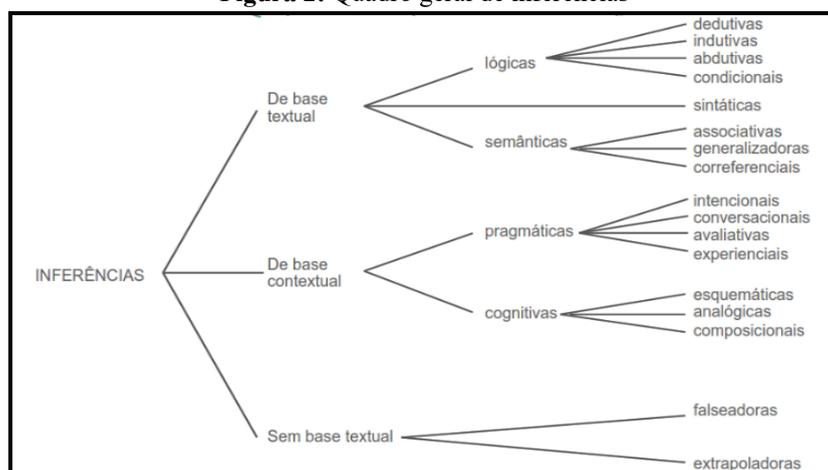
Figura 1: conhecimentos prévios responsáveis pela compreensão leitora



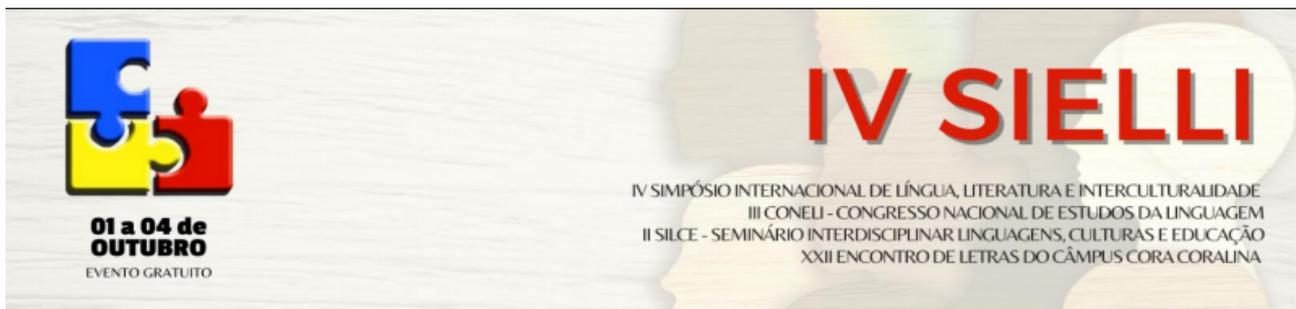
Fonte: adaptado de Marcuschi (2023)

Na figura 1 foram alistados os conhecimentos prévios implicados na compreensão leitora de um texto, através de um processo desenvolvido por actividades inferenciais (Marcuschi, 2023). Inferências constituem “processos cognitivos nos quais os falantes ou ouvintes, partindo da informação textual e considerando o respectivo contexto, constroem uma nova representação semântica” (Marcuschi, 2023, p. 249). O autor ora citado apresenta um esquema que permite visualizar o quadro geral de inferências. Veja-se, a seguir, na figura 2, o quadro geral de inferências proposto por Marcuschi (2023).

Figura 2: Quadro geral de inferências



Fonte: Marcuschi (2023, p. 254)



No sentido proposto pelo esquema apresentado na figura 2, a inferência resultante da compreensão leitora do gênero artigo de opinião: “Moçambique também é afectado pela guerra na Ucrânia”, se dá como fruto da operação cotextual/contextual e cognitiva regida por regras.

As regras que regem o processo de compreensão leitora do texto podem ser ensinadas e aprendidas com base em letramentos que valorizam as dimensões do multilinguismo e da multimodalidade, uma perspectiva dos letramentos propostos por Kalantzis, Cope e Pinheiro (2023). Letramentos, de acordo com os autores ora citados, se constituem ferramentas para construir significado para nós mesmos por meio do trabalho cognitivo de representação que fazemos com nossas mentes. Aprender a significar, segundo Kalantzis, Cope e Pinheiro (2023, p. 76), “é um processo que envolve movimentos de avanços e recuos através e entre diferentes formas de construir conhecimento: experiencial, conceitual, analítico e aplicado.” Essas diferentes formas de construir conhecimento são implicadas, também, pelo perfil sociolinguístico dos sujeitos desta pesquisa e, com base no princípio da linguística cognitiva (Cuenca; Hilferty, 2007), segundo o qual, o estudo da linguagem não pode se separar da sua função cognitiva e comunicativa, no qual impõe um enfoque baseado em uso⁶ (minha tradução), cooptam-se “experiências comunicativas quotidianas que exigem que as pessoas negociem as diferentes formas de uso da linguagem, porque há tipos diferentes de uso da língua em contextos também muito distintos” (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2023, p. 52).

A função comunicativa do artigo de opinião, texto estudado neste artigo, é conativa/apelativa, isto é, com o objectivo de persuadir o interlocutor. Bräkling (2000) define o artigo de opinião como um gênero discursivo no qual se busca convencer o leitor sobre determinada ideia por meio da argumentação. Gênero produzido numa linguagem que depende do público ao qual se destina. A sua coesão e coerência são conseguidas com base na utilização de operadores argumentativos e dêiticos. O tempo verbal predominante é o presente do indicativo ou do subjuntivo e o uso do pretérito. Utiliza a primeira ou a terceira pessoa do discurso com o propósito de debater o tema. No gênero interessa a análise a posição do autor em relação aos acontecimentos

⁶“*El estudio del lenguaje no puede separarse de su función cognitiva y comunicativa, lo cual impone un enfoque basado en el uso*” (Cuenca; Hilferty, 2007, p. 19).



sociais. É publicado nos órgãos de maior circulação e discute um tema atual e relevante para os leitores (Köche; Marinello, 2015).

Artigo de opinião é central no processo de ensino e de aprendizagem explícito de técnicas de leitura no ensino geral, dada a intertextualidade e interdisciplinaridade que o caracterizam, possibilidades bastantes para os letramentos de inferências na sala de aulas de Português L2, visto que, “para compreender bem um texto, tem-se que sair dele, pois o texto sempre monitora o seu leitor para além de si próprio e esse é um aspeto notável quanto à produção de sentido.” A seguir, veja-se, o letramento de inferência na aula de Português L2.

LETRAMENTO DE INFERÊNCIAS NA AULA DE PORTUGUÊS L2

Nesta secção, primeiro, mostra-se como os letramentos de inferências e as práticas docentes ocorrem na aula de português em contexto de língua segunda em uma escola pública, em Moçambique. E, segundo, discute-se como o multilinguismo e a multimodalidade podem ajudar no processo de ensino e de aprendizagem de leitura na aula de português em contexto de segunda língua em duas subsecções compreendidas pela (1) análise da entrevista dirigida a professora e (2) análise dos textos (re)construídos pelos alunos que colaboraram nesta pesquisa.

Toma-se por texto-base o artigo de opinião “Moçambique também é afectado pela guerra na Ucrânia”, publicado no jornal online O PAÍS, do grupo SOICO, no dia 21.03.2022, da autoria de Lothar Freischlader, embaixador alemão em Moçambique. O tema versado é actual e pertinente no contexto social, económico e político moçambicano. A título de exemplo, os custos dos combustíveis, dos transportes públicos de passageiros e cargas, da cesta básica mensal tornaram-se insuportáveis para os cidadãos em geral, e, particularmente, para os que auferem o salário mínimo, que se situa em torno dos cinco mil meticais, na base da pirâmide dos funcionários do Estado e, grosso modo, de onde são oriundos os sujeitos desta pesquisa.

Não menos importante, a situação da política externa do país é, na melhor das hipóteses, embaraçosa, uma vez que os beligerantes são amigos de Moçambique desde que se fundou como Estado soberano. Assim, os conhecimentos de economia, história, política etc., veiculados por O PAÍS e/ou outros órgãos de informação e/ou experienciados pelos alunos no quotidiano servem para



compreender o texto, visto que, como refere Marcuschi (2023), a monitoria que o texto faz ao seu leitor permite a produção de sentido. O que possibilita a compreensão do texto lido, dependendo das relações que o leitor estabelece com o autor durante a leitura do texto (Kleiman, 2022).

Kleiman (2022) advoga que a relação que se estabelece entre autor e o aluno é importante, porque ela determina maneiras de leitura diferentes e tenta resolver o problema da indeterminação do texto do ponto de vista referencial, procurando estabelecer um equilíbrio entre a informação que o leitor deveria trazer e aquela que o texto deveria trazer. Para a autora, no processo de ensino e de aprendizagem de leitura o papel do professor pode ser de fornecedor de condições para que se estabeleça a interlocução da relação entre autor e leitor. Em contextos em que o aluno tem dificuldades para compreender o significado do texto e nem consegue recuperar o quadro referencial apresentado pelo autor.

O professor no processo de ensino de leitura pode reestabelecer as condições para a interação, consciencializando o aluno de que é possível fazer leituras múltiplas de um mesmo texto. Ele pode privilegiar a multimodalidade no processo de ensino e aprendizagem de leitura, para criar condições que levem o aluno a recuperar sua condição de sujeito elaborador de suas capacidades de leitura específicas para lhe permitir fazer mais de uma leitura (Kleiman, 2022).

Na expectativa de compreender as dinâmicas do processo de ensino e de aprendizagem de leitura na aula de Português, no segundo ciclo do ensino secundário geral (equivalente, no Brasil, ao ensino básico e médio), numa escola pública em Moçambique, o pesquisador (doravante P1) conversou com a professora (doravante P2) de português da turma em que foram gerados os dados analisados neste artigo. Durante a entrevista semi-estruturada, descontraída, a professora falou sobre o processo de ensino e de aprendizagem de leitura na aula de português. Na página seguinte, veja-se, no quadro 1, o extracto dessa conversa.

Quadro 1: Entrevista semi-estruturada dirigida à professora de Português

Tópicos	P:	Extractos da conversa
Tópico 1	P1	Pode falar sobre as estratégias utilizadas no processo de ensino de leitura?
	P2	Sim! Posso! Faço de tudo para proporcionar actividades que mobilizem outras leituras e outras imaginações durante o processo de leitura de textos diversos.
Tópico 2	P1	Que material o aluno tem disponível para poder conhecer as diferentes realidades através da leitura?



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

	P2	Material? Para o aluno? Apenas o livro de português! Recomendo a leitura dos textos com temas transversais que constam desse manual. A pesar de a maioria deles não terem o livro.
Tópico 3	P1	O que representa a maior dificuldade no processo de ensino e de aprendizagem de leitura?
	P2	O problema é a “má” influência das línguas maternas [explicita: o dialecto <i>Emakhuwa</i>]. O aluno lê o que está escrito em português e quer responder em português usando a estrutura da língua materna dele, que não é português. Sinceramente! Isso dificulta muito o processo, não só o de leitura, como o da escrita também.
Tópico 4	P1	O aluno lê ou não lê o texto, quando a actividade é proposta pela professora?
	P2	O aluno até consegue juntar as letras e pronunciar de acordo com a fonética da palavra, mas não sabe o significado da palavra, quando sabe, não conhece os sinónimos e quando conhece os sinónimos continua a enfrentar dificuldades de fazer interpretação/compreender o texto.
Tópico 5	P1	Como são as suas aulas? Fale um pouco do que acontece (se puder, sobre a leitura).
	P2	Em minhas aulas, o que se vê muito, é que os alunos conseguem ler apenas o que está escrito no texto. Quando peço para fazerem alguma relação com o que sabem da vida quotidiana e/ou as suas experiências individuais ou colectivas, tudo fica travado, não avançam, quando avançam, ficam colados as passagens do texto, circundando, quase que exactamente, ao que está escrito.

Fonte: entrevista dirigida à professora de português de uma escola pública em Moçambique (2022)

O quadro 1 revela, a partir das percepções da professora de português entrevistada, as vivências e as dinâmicas do processo de ensino e de aprendizagem de leitura na escola. A professora refere: “Faço de tudo ...”. Ainda que “tudo” não tenha sido especificado por ela, nesta pesquisa toma-se a liberdade de cooptar Kleiman (2022), que nos ensina que ensinar a ler: (1) é mostrar ao aluno que quanto mais ele prever o conteúdo, maior será a sua compreensão; (2) é ensinar a se autoavaliar durante o processo para destacar quando perdeu o fio; (3) é ensinar a utilização de fontes de conhecimento linguísticos, discursivos, enciclopédicos, para resolver falhas momentâneas no processo; (4) é ensinar que o texto é significativo; (5) é ensinar que as sequências discretas no texto só têm valor quando dão suporte ao significado global.

Kleiman (2022) defende que implica ensinar um conjunto de estratégias e criar uma atitude que faz da leitura a procura das proposições que estão em função de um significado, devem ser interpretadas em relação a esse significado, considerando que as escolhas linguísticas do autor são premeditadas. Facto que, conforme Coscarelli e Kersch (2016), reforça a importância de se trabalhar a multimodalidade com os alunos, dando atenção aos elementos não verbais dos textos, isto é, devem ser analisados e explorados pelos leitores e autores dos textos e, o professor, precisa assumir uma abordagem aberta e profunda dos textos.



Nessa perspectiva podem ser capitalizadas as informações veiculadas pelas televisões, rádios, jornais impressos e electrónicos com a informação diária, por exemplo, sobre a Ucrânia, a Rússia e a situação social, económica e política de Moçambique, que os alunos podem ter acesso até a partir dos celulares. Porém, há percepção de que o aluno é orientado para fazer leituras, apenas, do *livro didáctico*⁷, a avaliar pela fala da professora quando foi convidada a tecer considerações sobre a contextualização dos temas tratados na aula de português. Kleiman (2022) advoga que o professor deve fazer com que o aluno traga a memória intermédia tudo que sabe sobre o assunto antes de começar a ler, a fim de facilitar a compreensão. O dever da professora é de capitalizar as práticas que visem o des envolvimento da capacidade de compreensão na sala de aulas, que devem avaliar se o aluno está ou não a desenvolver as suas habilidades de leitura. A autora citada, considera que tal feito requer que o professor saiba: (1) o que se vai avaliar e (2) quais são as tarefas que se o aluno executar pode-se dizer que ele lê.

A professora usa a produção textual na aula de português para avaliar se o aluno sabe ou não escrever, para além de privilegiar estratégias metodológicas que colocam os manuais didácticos no centro do processo de ensino e de aprendizagem de leitura e, ao sinalizar que no centro da sua abordagem didáctica está o livro do aluno, ela, segundo Kalantzis; Cope e Pinheiro (2023), utiliza a perspectiva tradicional de ensino.

A perspectiva tradicional de ensino pode estar subjacente às inúmeras dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelo(s) aluno(s), e, nesta pesquisa, elege-se a dificuldade de leitura. A possibilidade de resolver as dificuldades enfrentadas pelos intervenientes do processo (professor-aluno) pode ser encontrada na dimensão da multimodalidade. Coscarelli e Kersch (2016) advogam que esta dimensão, com as imagens associadas a palavra escrita, abre a sala de aula para o trabalho com multiletramentos, que contempla (1) a multiplicidade de formas de comunicação usadas para construção de sentido e (2) o aumento da diversidade linguística e cultural que caracteriza a sociedade contemporânea.

⁷ Material escasso entre os alunos, para além de que eles têm acesso, apenas, quando estão na escola.



Há, também, percepção que neste nível de ensino (12.^a classe em Moçambique o equivalente a 3.^a série do ensino médio no Brasil) o aluno continua a ler com base nos modelos *ascendentes*⁸ de leitura, isto é, de acordo com a professora entrevistada, o “aluno até consegue juntar as letras e pronunciar de acordo com a fonética da palavra, mas não sabe o significado da palavra” (Tópico 4). A professora percebe que para compreender um texto, por exemplo, o aluno não deve ficar preso nele. Ele, o aluno, precisa extrapolar dentro dos limites permitidos pelo texto. Marcuschi (2023) defende que o texto tem que ser visto de forma aberta, se o aluno não conhece outros textos fica limitado na compreensão leitora, o que possibilita condições para a falta de horizonte de leitura, horizonte problemático e/ou horizonte indevido. Veja-se, a seguir, o horizonte de leitura a partir da (re)construção do texto: “Moçambique também é afectado pela guerra na Ucrânia”.

HORIZONTES DE LEITURA: (RE)CONSTRUÇÃO DE UM ARTIGO DE OPINIÃO PELO ALUNO DA 12.^a CLASSE

Esta secção analisa uma amostra dos textos (re)construídos pelos alunos (Kassikay, Thongogara e Shinyamapere) colaboradores desta pesquisa. A análise mostra como os letramentos que privilegiam uma abordagem global, significativa e baseada no uso da língua são importantes no ensino de leitura.

A professora inicia a aula cumprindo, rigorosamente, o seguinte ritual: cumprimentou os seus alunos que responderam em uníssono; apresentou o visitante à turma (o pesquisador) que, por sua vez, cumprimentou à turma que respondeu em uníssono; contextualizou, brevemente, as actividades reservadas para aquele dia.

Na sequência, apresentou o artigo de opinião: “Moçambique também é afectado pela guerra na Ucrânia”, depois solicitou ao aluno, uma série de etapas que fragmentam o texto, uma estratégia que Kleiman (2022) advoga advir da crença segundo a qual nos fragmentos estejam depositadas as informações para a compreensão do texto, e, o aluno, com base nos conhecimentos das palavras (sinónimos, antónimo, etc.) extrai essas informações.

⁸ Leitura vista como um processo de estágios distintos, lineares que privilegia as partes (Cruz, 2007).



As etapas resumem-se nas actividades seguintes: (1) ler o texto; (2) identificar o tema do texto; (3) identificar o assunto do texto; (4) identificar as palavras chave do texto; (5) identificar a opinião defendida pelo autor do texto; (6) identificar os argumentos que sustentam a opinião do autor do texto e (7) resumir o texto.

À solicitação da professora poderia, conforme Kleiman (2022), preceder um discurso construído conjuntamente, entre professor e alunos, porque é durante a interação que o leitor inexperiente compreende o texto, isto é, durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto (o seu género, por exemplo). Para o texto analisado nesta secção, poderia dialogar, em uma primeira abordagem, sobre os princípios básicos da integridade territorial (Moçambique, Ucrânia, Rússia); as relações internacionais; a guerra; a paz; as alianças na ONU (alinhados e não-alinhados); a importação de cereais e de petróleo; a inflação económica; a política interna e externa; a soberania; as armas nucleares, etc. E, em uma segunda abordagem, poderia, em colaboração com os alunos, criar objectivo(s) significativo(s) para a leitura, com condições para o aluno fazer predições, para utilizar o seu próprio conhecimento, para poder suprir eventuais problemas de leitura e mobilizar conhecimento sobre o assunto (alinhados e não-alinhados, por exemplo), que polariza os debates nas Nações Unidas, motivo que levou Lothar Freischlager a escrever o artigo de opinião sobre a posição de Moçambique na Assembleia daquele Órgão. Mas vamos aos factos. A seguir, veja-se (re)construção do texto apresentada pelos alunos.

A Kassikay (anexo B) leu o texto proposto pela professora e (re)construiu-o por escrito segundo suas lembranças das regras de escrita, facto que ocasionou em reconstruções diferenciadas do padrão como se vê no excerto seguinte: “A guerra de agressão contra a ucrânia , Lançada Pela , Rússia no Passado dia 24 de Fe Vereiro de 2022, deveria ter um impacto negativo Segnifitivo em Moçambique e noudros países africanos”. Esta (re)construção denuncia uma das várias leituras distinguidas por Marcuschi (2023), a de falta de horizonte, isto é, a aluna limitou-se a copiar o texto-base. Facto preocupante, porque, ainda assim, ela foi (in)capaz de repetir, fidedignamente, o que está escrito no texto-base, ou, seguindo a regra que rege a elaboração de resumos, ser fiel as ideias do autor do texto-base.



O texto (re)contruídos por Thongogara (anexo C) reflecte uma variedade de leitura próxima do horizonte problemático, ou seja, “se situa no limite da interpretabilidade” (Marcuschi, 2023, p. 259). Excerto como: “A guerra contra a Rússia lançou pela Ucrânia deverá ter um impacto negativo em Moçambique e noutros países africanos”, elucida essa visão de o leitor ir além do próprio texto. No excerto citado, em particular, fica a impressão de que a Ucrânia é que agrediu a Rússia, mas o texto-base apresenta a seguinte frase: “... a guerra de agressão russa contra a Ucrânia, ...” (2.º§, texto-base). Marcuschi (2023) fala de leituras de carácter pessoal. O colaborador que apresentou este texto, ao tentar realizar uma leitura próxima do horizonte mínimo ou máximo, resvalou para os horizontes problemático e *horizonte inadequado*⁹. Considera-se inadequada, por exemplo, a seguinte variedade de leitura: “Terão canalizar consideravelmente mais recursos financeiros para segurança dos países Africanos” (Thongogara, 2.º período, do 1.º§), porque a variedade de leitura apresentada pelo Thongogara não é autorizada pelo 8.º§ do texto-base, onde se lê o seguinte: “Muitos países europeus terão de canalizar consideravelmente [...] mais recursos financeiros para a sua segurança perante a Rússia nos próximos anos e décadas.” A seguir, veja-se, a (re)construção do texto apresentada pelo colaborador Shinyamapere (anexo D).

Shinyamapere apresenta a falta de horizonte na leitura que apresenta através da (re)construção do texto-base proposto. A cópia do texto-base é ininteligível e denuncia a crença segundo a qual o texto só tem informações objectivas em sua superfície. O aluno realiza operações inferenciais que eliminam informações relevantes e indispensáveis para a compreensão do texto-base, impedindo até mesmo a compreensão dos dados que permanecem (Marcuschi, 2023), como se verifica no seguinte excerto: “O Governo moçambicano poderia conduzir os produtos e os preços. Mas todos são elevados nos países derivados do conflito militar em Rússia e a Ucrânia. Isto é em Moçambique importado em 2020. Um total de 521,3 dólares...” (Shinyamapere, 3.º§). Shinyamapere produziu inferências de natureza cognitiva, de experiência e lexical, a partir de uma perspectiva de leitura em que ele é passivo diante do texto que lê. A tentativa de parafrasear o texto-base (para produzir inferências de natureza pragmática e experiencial) levou-o a acrescentar

⁹ “Uma zona muito nebulosa que qualificamos como indevida ou proibida” (Marcuschi, 2023, p. 259).



elementos que não estão implícitos e nem são de base textual e se situar no horizonte indevido, um horizonte que Marcuschi (2023) qualifica como proibido.

Na (re)construção dos textos se os alunos tivessem, por exemplo, a anteceder a actividade, a orientação da professora para perceber os aspectos linguísticos que os levassem a reflectir sobre o contexto (a condição de dependente em que se encontra Moçambique em relação aos beligerantes), sobre o leitor previsto pelo autor do texto (em geral, os moçambicanos, em particular, o governo do Estado moçambicano) e sobre qual a intensão subjacente ao género textual em questão (discurso no qual se busca convencer o leitor sobre determinada ideia por meio da argumentação), possivelmente, uma das várias variedades de leitura apresentadas seriam de *horizonte mínimo*¹⁰ e/ou *horizonte máximo*¹¹.

Diante das variedades de leitura apresentada pelos textos (re)construídos pelos colaboradores desta pesquisa, pode-se dizer que foram produzidas inferências de base textual lexical, semântica e pragmática, uma vez que é visível o esforço dos alunos em sintetizar as afirmações do texto-base. A (re)construção mostra que os alunos enfrentaram dificuldades em usar o conjunto de estratégias que deviam criar uma atitude para fazer da leitura a procura das proposições que estão em função de um significado, o que possibilitaria a interpretação da leitura feita em relação ao significado global do texto, para além de mostrar, também, que falta ao aluno conhecimento das circunstâncias da guerra da Ucrânia, um país longínquo, aparentemente, com pouco apelo à vida do jovem de Moçambique.

As dificuldades enfrentadas pelos alunos podem ser superadas se trabalhadas as multimodalidades na aprendizagem e ensino de leitura, com um professor, nesse processo, que assume uma abordagem mais aberta e mais profunda dos textos, tendo em conta que as inferências exigem conhecimento de mundo.

¹⁰ Leitura parafrástica, repetição, com outras palavras, no léxico que nos interessa (Marcuschi, 2023).

¹¹ Perspectiva que considera as actividades inferências no processo de compreensão (Marcuschi, 2023).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo mostrou como o letramento é importante na aprendizagem de inferências durante a leitura do artigo de opinião na aula de Português L2, numa escola pública de ensino médio em Moçambique. Em geral, os textos analisados mostram que o aluno (1) utiliza (in)correctamente o grafema que corresponde o som, (des)respeitando a convenção ortográfica, o que leva a segunda constatação, (2) o aluno (re)constrói o texto escrito segundo suas lembranças das regras e isso pode ocasionar (re)construções diferenciadas do padrão, (3) as regras básicas de produção de um resumo são ignoradas (ou desconhecidas pelos alunos). A questão colocada: que inferências o(s) aluno(s) produz(em) durante a leitura de um artigo de opinião? A análise revela que os alunos produzem inferências de base textual (lexicais) semântica e paráfrase e de base contextual cognitivas (elaborativas). As primeiras, basicamente são tentativas de sintetizar o conteúdo do texto de partida, o que resulta, em geral, em cópias infíeis do texto de partida, revelando o (des)conhecimento do funcionamento da língua portuguesa, pelo menos escrita (ex.: ocorrência de escrita sem segmentação; com segmentação indevida; separação de frases sem o sistema de pontuação etc.), questões que precisam ser pesquisadas em outra ocasião, porque não cabem nesta. As segundas inferências produzidas pelos alunos revelam uma leitura inadequada, visto que o aluno introduz orientações argumentativas distintas das do texto-base. Podem ser cotejadas várias causas dos diferentes fenómenos constatados nesta pesquisa. Entre elas a forma como são abordadas as técnicas e habilidades de leitura e compreensão leitora na sala de aulas de Português L2, porque colocam o aluno a inferir, apenas, a partir do que é dado pelo texto de partida, o que o coloca em desvantagens diante das inúmeras possibilidades que os letramentos podem proporcionar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRÄKLING, Katia Lomba. Trabalho com artigo de opinião: revisitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. Campinas: Mercado de Letras, 2000. p. 221-247.

COSCARELLI, Carla Viana; KERSCH, Dorotea Frank. Pedagogia dos multiletramentos: alunos/conectados? Novas escolas + novos professores. In: KERSCH, Dorotea Frank;



COSCARELLI, Carla Viana; CANI, Josiane Brunetti (Orgs.). **Multiletramentos e Multimo-dalidade**: ações pedagógicas aplicadas à linguagem. Campinas: Ponte, 2016. Prefácio, p. 7-14.

CRUZ, Vitor. **Uma abordagem cognitiva da leitura**. Lisboa: Lidel, 2007.

CUENCA, Maria Josep; HILFERTY, Joseph. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona: Ariel, 20227.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 15 ed. Lisboa: João Sá da Costa, 1999.

FREISCHLADER, Lothar. Moçambique também é afectado pela guerra na Ucrânia. **O País**, Maputo, 21 de março de 2022. Disponível em: <<https://www.opais.co.mz/mocambique-tambem-e-afectado-pela-guerra-na-ucrania/>>. Acesso em: 22 de junho de 2022.

GONÇALVES, Perpétua. **A génese do Português de Moçambique**. Lisboa: INCM, 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). **IV Recenseamento Geral da População de Habitação**. Maputo: INE, 2017.

KALANTZIS, Mary.; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson. **Letramentos**. Trad. Petrilson Pinheiro. Campinas: Unicampi, 2023.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 17. ed. Campinas: Pontes, 2022.

KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benetti; MARINELLO, Adiane Fogali. **Leitura e produção textual**: gêneros textuais do argumentar e expor. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KÖCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogali. **Gêneros textuais**: práticas de leitura escrita e análise linguística. Petrópolis: Vozes, 2015.

KOCH, Ingedore Villaça. **As tramas do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Sociologia Geral**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MACHADO, Marco Antônio Rosa. O papel do processo inferencial na compreensão da leitura: um estudo com alunas do curso de letras. **SIGNÓTICA**, v. 18, n. 2, p. 283-308, jul./dez. 2006. DOI: <https://doi.org/10.5216/sig.v18i2.2788>



MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2023.

NGUNGA, Armindo; FAQUIR, Osvaldo Guirruço. **Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: relatório do III seminário**. Maputo: CEA – UEM, 2011.

MOÇAMBIQUE. Constituição (2004). **Constituição da República de Moçambique**. 3. ed. Maputo: alcance. Coordenado por Cátia Fernandes.

SEMIDE, Ana Rita Pinheiro. **O Ensino Explícito de Estratégias de Leitura: Conhecimento Prévio e Inferências no Texto Literário**. 2020. Relatório de Estágio (Mestrado em Ensino de Português) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2020.

SELINKER, L. Interlanguage. **IRAL**, v. 10, p. 209-231, 1972.



ANEXO A (texto-base)

INÍCIO POLÍTICA ECONOMIA SOCIEDADE INTERNACIONAL DESPORTO CULTURA **ELEIÇÕES GERAIS** OPINÃO DOSSIER ESPECIAL
Q

Moçambique também é afectado pela guerra na Ucrânia

Leitor Frequentador 21/03/2022 13:56

"Em questões de guerra e paz, em questões de certo e errado, nenhum país, nem mesmo a Alemanha, pode ser neutro", declarou a Ministra das Relações Exteriores da Alemanha, Annalena Baerbock, em 18 de Março de 2022, em Berlim.

Três semanas após a votação na Assembleia Geral da ONU da resolução que condena a guerra de agressão russa contra a Ucrânia, o Governo moçambicano justificou a sua abstenção com uma posição "neutra" e que faz justiça a "ambas as partes".

Vejamos primeiro o comportamento da votação na Assembleia Geral das Nações Unidas: dos cerca de 180 Estados que votaram, 141 votaram a favor, sendo que com a Rússia apenas mais quatro Estados (incluindo apenas um país em África – Etiópia) votaram contra. O resultado da votação mostra, por conseguinte, que não se trata aqui de um conflito entre o Ocidente e a Rússia, mas sim da Rússia contra a esmagadora maioria dos Estados no mundo. Moçambique, no entanto, absteve-se da votação, argumentando ter a ver com o "interesse moçambicano".

Entretanto, até o Governo moçambicano alerta para a escassez de trigo e fertilizantes no país devido ao conflito militar entre a Rússia e a Ucrânia, um dos principais produtores destes produtos. Por conseguinte, isto poderia conduzir a preços mais elevados para estes produtos e para os seus derivados.

Em 2020, Moçambique importou um total de 571,2 milhões de dólares em grãos, representando cerca de 8,1% do total das importações do país. Da Rússia, Moçambique importou 75 milhões de dólares em cereais e 9 milhões de dólares em fertilizantes (cerca de 13% do total das importações de fertilizantes). Por sua vez, a

LIDAS

Siga nos

OPais

Professores ameaçam paralisar actividades dentro de 12 dias

NOVA MALARIA DE COVID-19 NÃO VOLTARÁ NO DIA 9 DE OUTUBRO

Ucrânia forneceu a Moçambique 21,7 milhões de dólares em cereais. Portanto, ao todo, cerca de 19% das importações de trigo provêm da Rússia e da Ucrânia.

Mesmo que as importações (de trigo) da Rússia e da Ucrânia no seu conjunto não sejam dramáticas para Moçambique, a crise terá um impacto antes mesmo do conflito, a taxa de inflação dos alimentos, em Janeiro de 2022, já tinha subido para cerca de 11%, em virtude do aumento dos preços dos transportes, petróleo e fertilizantes. O agora esperado aumento de preços dos produtos alimentares continuará a impulsionar a taxa de inflação anual dos alimentos, que afecta principalmente as camadas mais pobres da população. Como resultado, uma parte muito maior do rendimento terá de ser gasta em alimentos.

Indo mais além, o aumento dos preços do petróleo continuará a pesar na já negativa balança comercial. As importações de petróleo foram a maior rubrica de importação em 2020, com 977 milhões de dólares (cerca de 15% do total das importações). Consequentemente, esta subida dos preços do petróleo vai aumentar ainda mais os custos e aumentar ainda mais o défice comercial a curto prazo, abrindo ainda mais o desenvolvimento económico e levando a uma margem de manobra financeira ainda menor para o Governo.

A guerra de agressão contra a Ucrânia, lançada pela Rússia no passado dia 24 de Fevereiro de 2022, deverá ter um impacto negativo significativo em Moçambique e noutros países africanos. Muitos países europeus – independentemente da curta ou longa duração da guerra na Ucrânia – terão de canalizar consideravelmente mais recursos financeiros para a sua segurança perante a Rússia nos próximos anos e décadas, o que, a médio prazo, poderá também conduzir à prejuízos nos orçamentos para a cooperação para o desenvolvimento, entre outros, com os países africanos.

Para além das consequências económicas, a guerra tem também implicações de segurança que vão muito além da Europa e contradiz os princípios fundamentais da integridade territorial e da soberania nacional que são centrais para a UA e Estados-Membros da UA. Tolerar o ataque russo põe em causa estes princípios do direito internacional. A nossa ordem internacional baseada em regras, protege os mais fracos do poder dos mais fortes. Devemos defendê-la para que não seja substituída por uma nova ordem em que apenas a força

INÍCIO POLÍTICA ECONOMIA SOCIEDADE INTERNACIONAL DESPORTO CULTURA **ELEIÇÕES GERAIS** OPINÃO DOSSIER
Q

militar ou económica é que conta. País, numa ordem em que apenas o direito dos poderosos e não o poder da lei conta, todos os Estados saem a perder.

Esperamos que também em Moçambique, sejam reconhecidas as consequências negativas que a guerra de agressão da Rússia contra a Ucrânia já provocou a nível global, e que a comunidade das nações defenda sistematicamente os princípios básicos da integridade territorial e assumo uma posição clara contra a agressão russa numa próxima votação no âmbito da ONU.

Em Budapest, no ato de 1994, a Rússia reconheceu a independência e a integridade territorial (incluindo Dombas e a Crimeia) dentro das suas fronteiras, bem assim a completa soberania da política interna e externa em troca da renúncia da Ucrânia às armas nucleares. A Rússia espezinhou este acordo de 1994. Moscovo perdeu muita confiança, na Europa e no mundo durante muito tempo.

Partilhe

Tags

RELACIONADAS



ANEXO B (Kassikay)

A guerra de agressão contra a Ucrânia, Lançada Pela Rússia no Passado dia 24 de Fevereiro de 2022, deveria ter um impacto negativo significativo em Moçambique e outros países africanos. Para além das consequências económicas, a guerra tem também implicações de segurança que vão muito além do Europa e contradiz os princípios fundamentais da integridade territorial e da soberania nacional que são centrais para a UA e Estado – Membros da UA.

Indo mais além, o aumento dos preços de petróleo continuará a pesar na já negativa balança comercial. Consequentemente, esta subida dos preços do petróleo vai aumentar ainda mais os custos e aumentar ainda o déficit comercial a curto prazo, abrindo ainda mais o desenvolvimento económico e levando a uma margem de manobra financeira ainda menor para o Governo.

Menor que as importações (de trigo) da Rússia e da Ucrânia no seu conjunto não sejam dramáticas para Moçambique a crise terá um impacto: Como resultado, uma parte muito maior do rendimento terá de ser gasta em alimentos.

Entretanto, até o governo moçambicano alerta para a escassez de trigo e fertilizantes no país devido ao conflito militar entre a Rússia e a Ucrânia, um dos principais produtores destes produtos.

Esperamos que também em Moçambique, sejam reconhecidas as consequências negativas que a guerra de agressão da Rússia contra a Ucrânia já provocou a nível global.

A Rússia esperou este acordo de 1994.

Moscovo perdeu muita confiança, na Europa e no mundo durante muito tempo.

Devemos defendê-la para que não sejam substituídos por uma nova ordem em que, apenas a força militar ou económica é que conta.

Pois, numa ordem em que apenas o direito dos poderosos é não o poder da lei conta, todos os Estados saem a perder.



ANEXO C (Thongogara)

A guerra contra a Rússia lançou pela Ucrânia deverá ter um impacto negativo em Moçambique e outros países africanos. Terão canalizar consideravelmente mais recursos financeiros para segurança dos países Africanos

Moçambique esperamos que também tenha reconhecido as consequências negativas que a guerra de agressão da Rússia contra a Ucrânia já provocou o nível global a comunidade defende sistematicamente os princípios básicos da integridade territorial e assumam uma posição clara numa próxima votação no âmbito da ONU

A Rússia espezinhou este acordo de 1994 Moscovo perdeu muita confiança na Europa e no mundo durante muito tempo

O governo moçambicano alerta para a escassez de trigo e fertilizantes nos países devido ao conflito militar entre a Rússia e a Ucrânia, em dois principais produtores e para os seus derivados

Moçambique, a crise terá um impacto: antes mesmo do conflito a taxa de inflação dos alimentos já tinha subido para cerca de 11% em virtude do aumento dos transportes, petróleo e fertilizantes. O agora esperado aumento de preços dos produtos alimentares continuará a impulsionar a taxa de inflação anual dos alimentos que afecta principalmente as camadas mais pobres da população. Como resultado, uma parte muito maior do rendimento terá de ser gasta em alimentos

O aumento dos preços do petróleo continuará a pesar na já negativa balança comercial

Moçambique importou um total de 521,3 milhões de dólares em grãos, representando cerca de 8,1% do total das importações dos países

A votação na Assembleia Geral resolução que condena a guerra de agressão russa contra a Ucrânia. O governo moçambicano justificou a sua abstenção com uma posição que julga a "ambas as partes"

Consequências económicas da guerra têm também implicações de segurança que vão muito além da Europa



ANEXO D (Shinyamapere)

Em questões de guerra paz declarou em relações do Alemanha e Berlim. 1

A Assembleia Geral da ONU OGOverrno moçambicano Justificou na Alemanha em 18 de Março de 2022, Berlim.

O Governo moçambicano poderia conduzir os produtos e os preços. Mes todos São elevados nos países derivado do conflito militar em Rússia e a Ucrânia. Isto é em Moçambique importada em 2020 Um total de 521,3 milhões de dólares. Os países também importou da Rússia e Moçambique 76 milhões de dólares em cereais e 9 milhões de dólares a cerca de 13% do total das importações por sua vez a Ucrânia forneceu a Moçambique 21,7 milhões de dólares em cereais fertilizantes das 19% importações de trigo provem da Rússia e da Ucrânia.

A Crise poderia ser em Moçambique mesmo que o conflito dramático mesmo que a Rússia e a Ucrânia fizeram a tática de inflação anual dos alimentos, que afecta principalmente as camadas mais pobres da população.

Uma parte muito maior do rendimento terá de ser gasta em alimentos nos países.

A guerra de agressão contra a Ucrânia, lançada pela Rússia no passado dia 24 de Fevereiro de 2022, deverá ter um impacto negativo significativo em Moçambique e noutros países africanos.

Muitos países europeus – independentemente da curta ou longa duração da guerra na Ucrânia – terão de canalizar consideravelmente mais recursos financeiros para a sua segurança perante a Rússia nos próximos anos e de cada vez, o que, a médio prazo, poderá também conduzir a prejuízos nos outros, com os países africanos.

Para além das consequências económicas, a guerra tem também implicações de segurança que vão muito além da Europa e contradiz os princípios fundamentais da integridade territorial e da soberania nacional que são centrais para os estados – Membros da UA.

Mais devemos defendê-lo para que não seja substituída por uma nova Ordem da força militar económica.

O Moçambique é conhecida por várias consequências negativas que a guerra de agressão da Rússia e a Ucrânia provocou a nível global. Em Budapeste a Rússia reconheceu em 1994 a Independência completada com acordo em 1994. Moscovo perdeu muita confiança. Há não.